



A RETÓRICA DA MONOSSEXUALIDADE ENQUANTO NORMA.

Sophia Alencar Araripe Luna

Universidade Federal da Paraíba – sophia_alencar@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo tem como temática a análise retórica do discurso que coloca a monossexualidade enquanto norma, não positivada na sociedade, mas imposta por um discurso que desqualifica a bissexualidade enquanto orientação sexual legítima. Este trabalho visa compreender de que forma o discurso sexual hegemônico impõe uma heterossexualidade compulsória como orientação sexual geral, em oposição a uma homossexualidade oprimida que se revela cada vez mais por meio das lutas e bandeiras LGBTs, em que a bissexualidade é invisibilizada enquanto orientação sexual válida. Esse pequeno estendo pretende ampliar o conhecimento sobre as normas sexuais que norteiam os padrões de orientação sexual, enquanto condutas sexuais diversas são consideradas como desviantes. O método científico empregado é o dialético, o qual contém enquanto leis fundamentais a ação recíproca, a mudança dialética, a mudança qualitativa e a luta dos contrários. No contexto aqui trabalhado, percebe-se que não cabem análises da orientação sexual enquanto objetos fixos, mas em movimento; as normas sexuais tidas como padrões, encontram-se sempre em vias de se transformar. Para a dialética, podemos concluir que a heterossexualidade compulsória, por exemplo, nada tem de definitivo, de absoluto ou sagrado, nada existindo além do processo ininterrupto do devir e do transitório.

Palavras-chave: retórica, orientação sexual, bissexualidade.

Resumo do artigo deverá ter no máximo 250 palavras, parágrafo único, justificado, regular e coluna única, fonte TIMES NEW ROMAN tamanho 11, espaço simples entrelinhas sem referências bibliográficas, tabelas, gráficos ou destaques de qualquer natureza. Adicionar entre três e cinco palavras-chave que devem ser escritas na linha seguinte, separadas entre si por vírgula e finalizadas por ponto. Deixar 1 linha em branco. Inserir "Quebra de seção contínua".

1 INTRODUÇÃO

Na concepção aristotélica, pode-se dizer que a retórica consiste num produto da experiência consumada de oradores habilidosos, possuidores de estratégias cuja análise resulta na elaboração retórica. Tal codificação de preceitos nascidos da

experiência tem como objetivo ajudar outros a praticarem corretamente as técnicas de persuasão. Na Grécia Antiga, tão essencial quanto combater bem era a virtude de falar bem, de ter uma boa oratória – trata-se da oratória antes da retórica, o que supõe uma pré-retórica, “avant la lettre”, muito antes de



sua configuração definitiva como ciência do discurso oratório.

Embora a retórica tenha sido impulsionada enquanto arte que pudesse ser ensinada nas escolas e habilitasse os cidadãos a defenderem suas causas e lutarem pelos seus direitos, ao longo da história suas técnicas foram usadas para destituir cidadãos de seus direitos e até mesmo convencer detentores de direitos de que não o são, revelando assim que as técnicas retóricas podem também ser utilizadas como instrumento de dominação e opressão.

Neste artigo, abordaremos, através da definição de Aristóteles¹ da retórica e do estudo da retórica enquanto meios de se criar e elaborar discursos com fins persuasivos, o discurso dominante na sociedade que persuade a uma heterossexualidade compulsória hegemônica, ou ainda a uma homossexualidade não hegemônica. Decorre da imposição desse binarismo heterossexualidade/homossexualidade, a exclusão da bissexualidade enquanto orientação sexual “digna”, ou legítima. Impera a ideia da monossexualidade enquanto norma, isto é, a atração sexual por apenas um sexo ou gênero, enquanto a bissexualidade se revela enquanto uma afronta a essa norma, ou

seja, a atração sexual por dois sexos ou gêneros.

O entendimento da retórica enquanto doutrina técnica do discurso, revestida de neutralidade, deixa brechas para que a ética e a moral evocadas em sua origem sejam deixadas de lado. Sua função filosófica, em oposição à puramente técnica dos sofistas, é o resultado da combinação entre natureza, conhecimento e prática. Tanto Aristóteles como Platão e Isócrates pensavam a retórica não como uma fácil manipulação da linguagem, mas sim como um método de educação embutido de responsabilidade.

As três espécies de retórica, ou ainda gêneros de discurso, consistem nos discursos deliberativos, judiciais e epidícticos. A espécie de retórica epidíctica louva ou censura algo, visando mostrar a virtude ou defeito de uma pessoa ou coisa. Nessa lógica, percebe-se que a heterossexualidade compulsória é colocada enquanto virtude necessária na sociedade atual, para qualificação de uma pessoa ou sua orientação sexual. A homossexualidade, por sua vez, embora rechaçada na hegemonia heterossexual, compreende-se enquanto virtuosa dentro da sigla LGBT, ou seja, lésbicas e gays, cis ou trans, são pessoas que sentem atração sexual por apenas um sexo ou gênero, e dessa forma configuram-se enquanto monossexuais. Dentro da esfera LGBT, as pessoas bissexuais

¹ ARISTÓTELES. **Retórica**. 2ª edição, revista. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.



são entendidas enquanto defeituosas ou possuidoras de uma orientação sexual “falsa”. É um discurso, portanto, que censura aquilo que não se enquadra na monossexualidade.

2 O discurso insurgente das/os bissexuais: da Paraíba para o Brasil

A “virada retórica” nos dias atuais assume a retórica com um sistema de análise e tem estreita relação com seus resultados práticos.² Aristóteles, embora discípulo de Platão, atenta para a importância de refletir sobre o âmbito opinativo da experiência humana, a doxa. Tendo em vista a relevância do conhecimento prático, neste tópico abordaremos o discurso insurgente de pessoas bissexuais, que se contrapõe ao discurso hegemônico da heterossexualidade compulsória e da monossexualidade enquanto padrão legítimo de orientações sexuais.

Na cidade de João Pessoa-PB, esse discurso é colocado em prática, se destacando no cenário nacional LGBTTT por ter sido o espaço de criação da primeira ONG de Movimento Bissexual do país, MovBi, instituída a partir de construções coletivas e debates entre militantes da causa LGBTTT

² ADEODATO, João Maurício. **Ética e retórica: para uma teoria da dogmática jurídica**. 5ª ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

principalmente bissexuais assumidxs. A organização foi pensada, portanto, a fim de visibilizar as especificidades da bissexualidade, inclusive dentro da atuação do Movimento LGBTTT. Isso porque, a lógica prevalente, inclusive em Movimentos LGBTTT, é a do sistema binário e monossexual homossexualidade/heterossexualidade, enquanto que a bissexualidade, ao não corresponder a anseios de determinações prévias quanto ao posicionamento sexual a ser assumido, resta à margem dos principais debates no campo da sexualidade. Do discurso que invisibiliza a bissexualidade, decorre a deslegitimação da orientação sexual bissexual enquanto válida, bem como discursos e práticas bifóbicas por parte de pessoas heterossexuais e LGBTTTs,

Assim, o Movimento Bissexual especificamente na cidade de João Pessoa-PB se fortalece a partir do momento que não admite a zona de sombra/penumbra e a condição de “indeterminação” ou “indecisão” que lhe são associados. Reivindica-se, dessa forma, também dentro do Movimento LGBTTT, o reconhecimento de uma identidade própria e sólida atrelada à questão da bissexualidade. Por outro lado, compreendendo a transversalidades de opressões, observa-se conjuntamente à



questão da bissexualidade outras formas de opressão como o machismo e o racismo.

Considerando a sexualidade um conjunto discursivo, o presente trabalho tem o intuito de analisar, sob a ótica do Movimento Bissexual paraibano, concentrado na cidade de João Pessoa-PB, as demandas, reivindicações e problemáticas enfrentadas nesse âmbito.

A ONG MovBi (Movimento de Bissexuais) surgiu em Janeiro de 2015 e foi oficializada em Julho do mesmo ano, na cidade de João Pessoa, capital da Paraíba, idealizada por militantes da causa LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) e Bissexuais assumidas/os. Tal organização política tem como escopo dar mais visibilidade às bandeiras e problemáticas de pessoas bissexuais, bem como combater a bifobia dentro e fora do movimento LGBT. A ONG tem 6 representantes, sendo 2 coordenadores, 2 tesoureiros e 2 secretários, preocupando-se em garantir a paridade de gênero na entidade, na qual os cargos efetivos e suplentes sempre são compartilhados entre um homem e uma mulher³.

O MovBi está sediado na Av. Almirante Barroso, nº 757, no Centro de João Pessoa, na conhecida Casa dos Movimentos

LGBT onde funciona o Centro de Formação LGBT e outros movimentos sociais da cidade. O movimento acolhe pessoas Cisgênero e Transexuais, e busca conhecer mais sobre as vivências e experiências bissexuais. Também luta pelo combate aos preconceitos e discriminações contra LGBTs, especialmente a Bifobia. Para o MovBi, Bifobia é o termo que corresponde à rejeição e/ou violência dirigida a pessoas bissexuais, e à bissexualidade partindo do princípio normativo de que uma pessoa precisa escolher entre ser homossexual ou heterossexual.

A ideia de criar um movimento voltado para pessoas bissexuais se deu no 1º Encontro da Juventude LGBT de João Pessoa no ano de 2013, depois que as/os jovens bissexuais do Movimento do Espírito Lilás – que trabalha com LGBTs em João Pessoa – formaram um núcleo e criaram o Biólogo, evento que abordou diversos contextos da temática da bissexualidade. No espaço que ocorreu na Faculdade de Direito de João Pessoa, o Grupo de Trabalho que mais teve representação foi o de pessoas bissexuais. Em janeiro de 2015 surgiu a necessidade de oficializar a criação do Movimento de Bissexuais (MOVBI). O Coordenador da ONG, Adriano Silva Rodrigues, explica as ambições da organização:

Queremos acabar com esse preconceito de que

³

<<http://movbipb.blogspot.com.br/2015/05/oficializada.html>> Acesso em: 16 de setembro de 2015.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

bissexuais são pessoas mal resolvidas, são gays com medo de se assumir. Teorias criadas e divulgadas por pessoas preconceituosas que continuam a ter medo do que é diferente do que ela é. Sou bissexual e juntos queremos combater a homolesbobitansfobia e criar um mundo melhor.⁴

Tendo em vista que a atuação do MovBi vai para além da cidade de João Pessoa, e que o resultado do aparecimento da ONG teve influência de outros tempos e locais, gostaríamos de citar um outro espaço político conhecido em leituras⁵ voltado para bissexuais, que recebe o mesmo nome de Biálogo hoje utilizado em diversas organizações, a exemplo do MovBi. O “1º Biálogos: diálogos entre mulheres bissexuais” foi convocado pelo Fórum Cearense de Mulheres (FCM) e pela Articulação de

⁴ < <http://aligagay.com.br/ong-bi/>> Acesso em: 16 de setembro de 2015.

⁵ GOMES, Margareth Cristina de Almeida. “‘Lavô tá novo’ num funciona pra quem tá poluída!”: cuidados com o corpo e corporalidades de mulheres com experiências afetivosexuais com mulheres de um grupo do movimento social cearense. V Reunião Equatorial de Antropologia e XIII Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste. 04 a 07 de agosto de 2013 Fortaleza-CE.

Mulheres Brasileiras (AMB), abrangendo participantes que eram integrantes do grupo musical Tambores de Safo, e tinha a intenção de chamar “as mulheres com identidade ou práticas bissexuais para refletirem sobre a bissexualidade feminina na atualidade” (FLOG DO GRUPO, 2012).

Uma das participantes desse Biálogo foi Jaçanã (nome fictício tocadora de alfaia, trecho registrado em diário de campo, 01/09/2012), que explicitou seu próprio desconforto com a ausência de espaço para questões que faziam sentido em suas vivências:

Há um discurso comum que a bissexualidade não precisa de lugar porque ora vive relações com homens hetero, ora com lésbicas. Mas eu não me sinto a mesma independente do sexo com que me relaciono. Eu sei da insegurança das lésbicas ao se relacionar comigo e das sensações diferentes que terei com homens e que as hetero não terão!

O que a participante relata é a marginalidade de viver a bissexualidade no plano das relações afetivo-sexuais, fundindo sexo e sexualidade ao afirmar relacionar-se



com “sexos”, e reivindicando um lugar particular para si, por sentir que é diferente de mulheres heterossexuais e lésbicas. Ao lançar a bissexualidade em termos de um “sentir”, ela sugeriria que a sexualidade consistiria menos em uma bissexualidade psíquica constitucional⁶ e mais em uma dimensão constitutiva da subjetividade⁷.

A “insegurança” das lésbicas em relacionamentos com mulheres bissexuais seria derivada do entendimento da bissexualidade como sinônimo de certa promiscuidade, característica “herdada” do contato com os homens, pela possibilidade de realização de práticas sexuais pelas bissexuais envolvendo o sexo anatômico masculino e feminino, como completa a integrante do Biólogo: “É como se o pênis carregasse o sujo, passasse pra gente o jeito raparigueiro dos homens que traem, e isso convivesse com a fama de ser bissaboeira!”. A bissexualidade, então, estaria impregnada com uma promiscuidade masculina (“jeito raparigueiro

dos homens”) atestada pelo potencial de “sujeira” do contato sexual com o pênis e, ao mesmo tempo, uma estigmatizada passividade feminina – chamada por Jaçanã “fama de bissaboeira”, atestada pela prática sexual não penetrativa do tribadismo.

Neste contexto relatado, “a sujeira é, essencialmente, desordem”⁸. Tratando especificamente sobre o estigma que recairia nas mulheres bissexuais, outra participante tomou a palavra e bradou:

Também tem os rótulos que a bi carrega, por exemplo, a tesoura na prática sexual é algo que as meninas lésbicas acham que a gente não gosta porque é bi! Como se a gente só gostasse de peru! Com a gente, o ditado “lavô tá novo” num funciona, né? Lavô tá novo num funciona pra quem tá poluída! Porque as bis tão sempre sujas! (Fala de Jasmim, trecho registrado em diário de campo, 01/09/2012).⁹

⁶ FREUD, S. Tres ensayos de teoría sexual (1905). In: Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992.

⁷ FOUCAULT, M. História da Sexualidade 1: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1977. _____. História da Sexualidade 3: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984. _____. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

⁸ DOUGLAS, M. Pureza e Perigo. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976. P. 12.

⁹ GOMES, Margareth Cristina de Almeida. “ ‘Lavô tá novo’ num funciona pra quem tá poluída!”: cuidados com o corpo e corporalidades de mulheres com experiências afetivosexuais com mulheres de um grupo



Ao tratar de forma escancarada o atrelamento da bissexualidade a uma espécie de contaminação com tudo o que é da ordem de um masculino “sujo”, Jasmim explicita a moralidade relacionada à ideia de sujeira. Para as mulheres daquele grupo, estar “suja” representaria um histórico de contato com a genitália masculina via práticas sexuais penetrativas. Este contato significaria não somente a predileção por este tipo de prática sexual, como também a transmissão da poluição para além de superfícies “laváveis” de corpos, de forma indelével, capaz de marcá-los. Como prática classificatória, essa ideia funcionaria como forma de estimular os indivíduos à busca de organização das identidades sexuais em um modelo no qual a matriz inteligível corresponderia ao dualismo heterossexualidade/homossexualidade. Se “a sujeira ofende a ordem”, eliminá-la não seria um movimento negativo, “mas um esforço positivo para organizar o ambiente”¹⁰. As ideias de poluição relacionadas a determinados tipos de práticas sexuais desempenhadas por mulheres bissexuais,

do movimento social cearense. V Reunião Equatorial de Antropologia e XIII Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste. 04 a 07 de agosto de 2013 Fortaleza-CE.

¹⁰ DOUGLAS, M. Pureza e Perigo. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976. P. 12.

consistiriam em (maus) exemplos de desordem à ordem de comportamentos segundo padrões morais compreensíveis. A bissexualidade seria então a fronteira ou margem, o “espaço entre corpos, leis e disciplina”¹¹ em que estes corpos se fundam ilegíveis pelo ideal classificatório hetero/homo. É como se as mulheres bissexuais fossem consideradas “traidoras” – do movimento lésbico, do feminismo, das mulheres lésbicas.

No contexto das mulheres bissexuais, a leitura de suas práticas sexuais como múltiplas por parte destas e de suas/seus parceiras/os, reinscreviam em seus corpos marcas morais de “higiene” ou “sujeira”, num trânsito incessante entre os dois polos estabelecidos como parâmetro da lógica binária:

heterossexualidade/homossexualidade. Por confundirem suposições acerca de suas identidades e comportamentos sexuais, as bissexuais funcionavam como corpos alocados em zonas de abjeção¹², lugares de confusão e incomensurabilidade da vida social.

¹¹ DAS, V. Life and Words: Violence and the descent into the ordinary. Berkeley: University of California Press, 2007.

¹² BUTLER, J. Problemas de Gênero: feminismo e subversão da realidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.



3 Construindo uma identidade a partir de uma retórica: bissexualidade enquanto categoria?

Para Vico, a tópica retórica proporciona sabedora, desperta a fantasia e a memória e ensina como considerar um estado de coisas de ângulos diversos, isto é, como descobrir uma trama de pontos de vista.¹³ O fato de a bissexualidade ser definida de forma a negar tanto a heterossexualidade quanto a homossexualidade faz com que haja sobre aquela categoria uma sensação de ausência de identidade própria às outras em que se coloca em oposição. Daí o início da invisibilidade da categoria bissexual no Movimento LGTT. A bissexualidade seria, por esse viés, inexistente, processo que bissexuais pretendem inverter diariamente ao se auto afirmarem dentro dessa identidade:

Os textos programáticos das associações bissexuais na Europa e nos Estados Unidos proclamam que eles não são nem uma coisa nem outra, mas que representam uma terceira opção tão válida quanto às outras. Se ela nunca foi reconhecida como tal é precisamente porque está

entre duas ordens: ela é invisível, porque a ordem sexual tradicional impõe uma visão binária da sexualidade, na qual se é ou heterossexual ou homossexual.¹⁴

Assim, frequentemente, pessoas que se identificam enquanto bissexuais são acusadas de não assumirem a sua homossexualidade e de usarem essa nomenclatura para não se comprometerem. O que, em determinados movimentos LGTT'S, gera-se certa desconfiança quanto à militância de bissexuais, uma vez que, desse ponto de vista, pessoas bissexuais estariam sempre no limite de “trair” o movimento ao demonstrarem/apresentarem “comportamentos” heterossexuais. Nesse ponto, a interseccionalidade com a Teoria Queer se faz necessária, uma vez que alerta àqueles que lutaram por visibilidade social, a não se deixarem cair na mesma armadilha social e política, de adaptação e normatização:

(...) o que aconteceu e infelizmente ainda acontece com muitos homossexuais (foram e ainda são rotulados,

¹³ VIEHWEG, Theodor. Tópica e Jurisprudência. Trad. Tércio Sampaio Ferraz Jr., Brasília: Editora Universidade de Brasília e Departamento de Imprensa Nacional, 1979. p. 21.

¹⁴ CASTAÑEDA, M. A experiência homossexual: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas. São Paulo: A Girafa, 2007, p. 281.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

estereotipados, discriminados, perseguidos, etc.), está acontecendo com bissexuais, e talvez, possa até parecer exagero, mas de forma ainda mais cruel, já que não apenas parte da comunidade heterossexual os julga. Parte dos homossexuais também os julga e os acusa.”¹⁵

Nesse sentido, é perceptível a invisibilidade da bissexualidade também nos meios acadêmicos e “científicos”, verificando-se escassez de fontes bibliográficas para estudá-lo, muito pela “falsa” impressão de não se constituir uma identidade sólida o bastante para se tornar uma “categoria”, a exemplo da heterossexualidade e da homossexualidade:

Enquanto identidades locais e fixas persistem, identidades globais flexíveis e móveis

começam a produzir efeitos desestabilizadores e inquietantes. A nova forma-metrópole não fixa espacialmente sua identidade a partir de limites materiais precisos, e caracteriza-se, antes, “por um mutante fluxo comunicativo”: fluxos descentralizados, conflituosos, móveis e híbridos desconcertam as identidades e os panoramas metropolitanos¹⁶

A questão, desse modo, também transpassa o interesse/finalidade de um movimento bissexual especificamente: a tentativa é de transformar a bissexualidade em uma identidade categórica, como as já existentes dentro dos estudos de gênero e sexualidade, ou lutar pela configuração de identidades fluentes, em que não se solidificam a partir de padrões comportamentais normatizados? A resposta para a pergunta não é fácil ou simples, inclusive tal problematização vem sendo enfrentada por outros movimentos identitários que se formaram em meados da década de 60 e 70 e atravessaram o século:

¹⁵ Universitari@ - Revista Científica do Unisalesiano – Lins – SP, ano 5., n.10, jan/jun de 2014. Franciani Mayra de Oliveira Marques – francianimayra@hotmail.com; Marcela Santana Pavoni – santanapavoni@hotmail.com; Sabrina Alves Cavichio –). <[HTTP://WWW.SALESIANOLINS.BR/UNIVERSITARIA/ARTIGOS/NO10/ARTIGO23.PDF](http://www.salesianolins.br/universitaria/artigos/no10/artigo23.pdf)>, Acesso em 26 de julho de 2015.

¹⁶ MENDES, Maria Isabel de Almeida e TRACY, Kátia de Almeida. Noites Nomandes: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas. Editora: Rocco. Ano: 2003.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

(...) alguns dos ‘novos movimentos sociais’, incluindo o movimento das mulheres, têm adotado uma posição não essencialista com respeito à identidade. Eles têm enfatizado que as identidades são fluidas, que elas não são essências fixas, que elas não estão presas a diferenças que seriam permanentes e valeriam para todas as épocas. Alguns membros dos ‘novos movimentos sociais’ têm reivindicado o direito de construir e assumir a responsabilidade de suas próprias identidades. Por exemplo, as mulheres negras têm lutado pelo reconhecimento de sua própria pauta de luta no interior do movimento feminista, resistindo, assim, aos pressupostos de um movimento de mulheres baseado na categoria unificada de ‘mulher’ que, implicitamente, inclui apenas as mulheres brancas.¹⁷

Dentro desse debate de identidades, resta ainda considerar o espaço urbano enquanto palco dos embates identitários, especificamente o LGBTTT, o que muito também evidencia ser a questão de formação/renovação/surgimento de identidades algo materialmente construído:

(...) a identidade da nova forma-metrópole não seria determinada por seus limites materiais precisos, mas por fluxos comunicacionais que instauram um duplo processo de fragmentação e recombinação, em todos os níveis. Desse modo, a metrópole contemporânea é policêntrica, pois "difunde-se e prolifera-se em múltiplas direções", e polifônica, pois nela "novos tipos de culturas fortemente pluralizados e fragmentados espalham-se e transitam".¹⁸

Diante do exposto, não restam dúvidas que a conceituação/categorização é um modo de por à margem quelxs não incluídxs na categoria, ao passo que a necessidade de tratar das questões invisibilizadas pelos padrões hegemônicos exige o mínimo de identidade, agrupamento e linguagem para a (re)apresentação daquilo que determinada coletividade reivindica. Torna-se também

¹⁷ <<http://pt.slideshare.net/danypereira509/woodward-2308-identidade-e-diferena>>, Acesso em 26 de julho de 2015

¹⁸ *Idem*



uma questão de responsabilidade do movimento ao, criando sua própria identidade, não reitere de forma sistêmica e hierarquizada a exclusão de outras.

4 CONCLUSÕES

A bissexualidade, ou o que ficou convencionado como tal, está inserida em uma dimensão do desejo sexual tão legítima quanto a da homossexualidade ou lesbianidade, apesar de se apresentar de forma distinta e peculiar de acordo com suas próprias especificidades. Nesses termos, o dualismo heterossexualidade e homossexualidade, enquanto formas de desenvolvimento sexual, corroboram para a heterossexualidade enquanto norma padrão hegemônica e, a homossexualidade enquanto normatização de comportamentos pertencentes a uma coletividade que vai de encontro àquela determinada pela hegemonia, numa espécie de má retórica, em que os já oprimidos homossexuais podem oprimir os bissexuais, ambos oprimidos pela heterossexualidade compulsória.

Acontece que esse tipo de discurso binário limita as variações no campo da sexualidade à dimensão hetero ou homossexual, configurando a monossexualidade. Daí a invisibilidade de outras formas de desenvolvimento sexual ocasionando uma exigência comportamental

muito bem delineada não só pelo que se consagrou enquanto hegemonia, como também pelos movimentos identitários que pretendem “combater” tais normatizações, recaindo esses em um paradoxo inevitável. Ora, se o movimento LGBTT se propõem a lutar por formas diversificadas de apresentação da sexualidade em nossa sociedade, em contraponto direto à heteronormatividade, como hierarquizar/normatizar comportamentos dentro do próprio movimento, não visibilizando a lesbianidade, a transexualidade, a bissexualidade dentre outras (que poder-se-ia dizer ser um rol de possibilidades infindáveis e por isso não taxativas)?

Assim, como bissexuais não se enquadram no binarismo imposto – heterossexualidade ou homossexualidade são isolados em limbos de invisibilidade social, enquanto as vivências passam a refletir a opressão dos dois lados da moeda: tanto das pessoas heterossexuais, quanto da comunidade LGT. Resta, porém, o desafio a bissexuais e a movimentos que empunham tal bandeira não recair no mesmo paradoxo que tem levado movimentos LGBTT’s a se afastarem da realidade plural que contrapõem à heteronormatividade. Ou seja, ao se auto-afirmarem enquanto bissexuais, em um discurso de identidade a fim de criar a



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

visibilidade em termos de tática política às questões específicas dessa coletividade, deve-se levar também em consideração a não normatização de condutas. Utilizar a dialética como técnica argumentativa pode ser uma saída – a retórica se assemelha, por um lado, à dialética, por outro, aos argumentos sofisticos. Isto quer dizer que a retórica não se ocupa apenas do que é persuasivo, mas também do que parece sê-lo. Não se trata de um jogo de tabuleiro onde só existem peças que se diferenciam pela cor: perceber a bissexualidade enquanto bandeira política é antes de tudo considerar aquilo que nos traz ao lugar onde nos encontramos. Nesse sentido, compreende-se a bissexualidade, antes de tudo, como um desejo de não normatização dos corpos.

REFERÊNCIAS

<<http://movbipb.blogspot.com.br/2015/05/oficializada.html>> Acesso em: 16 de setembro de 2015.

<<http://aligagay.com.br/ong-bi/>> Acesso em: 16 de setembro de 2015.

ADEODATO, João Maurício. **Ética e retórica: para uma teoria da dogmática jurídica**. 5ª ed. São Paulo: Saraiva, 2012.



ARISTÓTELES. **Retórica**. 2ª edição, revista. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTAÑEDA, M. **A experiência homossexual: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas**. São Paulo: A Girafa, 2007, p. 281.

DAS, V. **Life and Words: Violence and the descent into the ordinary**. Berkeley: University of California Press, 2007.

DOUGLAS, M. **Pureza e Perigo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976. P. 12.

FREUD, S. Tres ensayos de teoría sexual (1905). In: **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1977. _____. História da Sexualidade 3: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984. _____. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GOMES, Margareth Cristina de Almeida.

“‘**Lavô tá novo’ num funciona pra quem tá poluída!**”: cuidados com o corpo e corporalidades de mulheres com experiências afetivosexuais com mulheres de um grupo do movimento social cearense. V Reunião Equatorial de Antropologia e XIII Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste. 04 a 07 de agosto de 2013 Fortaleza-CE.

MENDES, Maria Isabel de Almeida e TRACY, Kátia de Almeida. **Noites Nomandes: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas**. Editora: Rocco. Ano: 2003.

VIEHWEG, Theodor. **Tópica e Jurisprudência**. Trad. Tércio Sampaio Ferraz Jr., Brasília: Editora Universidade de Brasília e Departamento de Imprensa Nacional, 1979.

Universitári@ - Revista Científica do Unisalesiano – Lins – SP, ano 5., n.10, jan/jun de 2014. Franciani Mayra de Oliveira Marques – francianimayra@hotmail.com; Marcela Santana Pavoni – santanapavoni@hotmail.com; Sabrina Alves Cavichio –).

<[HTTP://WWW.SALESIANOLINS.BR/UNIVERSITARIA/ARTIGOS/NO10/ARTIGO23.PDF](http://www.salesianolins.br/universitaria/artigos/no10/artigo23.pdf)>, Acesso em 26 de julho de 2015.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES



www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br